

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2002- ANO VI - Nº 63

EDITORIAL

Quando os primeiros colonizadores penetraram o Vale do Paraíba, no século XVI, surpreenderam-se com a exuberância da floresta latifoliada tropical (Mata Atlântica), que cobria quase 100% das terras. Nela abrigava-se grande diversidade florística e faunística. Com a ocupação humana, os sucessivos ciclos econômicos – cana-de-açúcar, café, gado – e a implantação de cidades, ocorreu a destruição de toda a cobertura florestal no Vale do Paraíba. Resta apenas uma pequena parte do passado nas encostas de nossas serras. Daí a importância da sociedade se organizar, lutando para a preservação desses santuários.

Este ano, por determinação da Organização das Nações Unidas – ONU, é o Ano Internacional das Montanhas. O momento é ideal para consolidar a consciência mundial sobre a importância dos ecossistemas montanhosos para o equilíbrio ambiental e para a vida humana. Segundo a ONU, as montanhas são o local de moradia de 600 milhões de pessoas, 10% da população mundial, e habitat natural para milhares, talvez milhões, de espécies animais e vegetais.

Com a ocupação dos vales, as encostas estão, cada vez mais, sendo tomadas, colocando em risco seus ecossistemas.

Piquete, por se localizar nos contrafortes da Mantiqueira, pensando no futuro, precisa se preocupar e aprofundar a discussão sobre os objetivos e princípios apresentados no capítulo 13 da Agenda 21, que trata do “Manejo dos ecossistemas frágeis – Desenvolvimento sustentável das montanhas”. Passados 10 anos da aprovação da Agenda 21, é flagrante que os princípios alencados não foram respeitados. A Mantiqueira cada vez mais reduz sua área de matas, a erosão cresce a olhos vistos e ocorre redução do volume de água de seus mananciais.

A Fundação Christiano Rosa, após visita da Fundação Florestal, da Secretaria do Estado de Meio Ambiente, à mata da IMBEL, vem estudando um modo de viabilizar um termo de cooperação técnica em que possa desenvolver ações conjuntas para a realização de um Programa de Conservação e Recuperação Florestal na Serra da Mantiqueira com espécies nativas. Além de preservar a beleza que a Serra nos empresta, criar-se-ia um parque ecológico, que protegeria os ecossistemas nativos remanescentes que abrigam as únicas parcelas de biodiversidade montana e alto-montana no território paulista.



No Ano Internacional da Montanha, o “Pico dos Marins”, a mais alta elevação de Piquete, com 2422m, deve ser preservado como monumento natural.

No Dia do Índio, o que comemorar?

Comemora-se dia 19 de abril o Dia do Índio. Dizimados durante 500 anos de contato, eles poucos têm a comemorar.

Quando os portugueses aqui chegaram, em abril de 1500, o país-continente estava ocupado, havia milênios, por vasto número de nações e etnias distintas. Falavam milhares de línguas e tinham hábitos tão variados quanto os europeus.

Os colonizadores foram paulatinamente ocupando regiões habitadas por numerosas populações indígenas e desde aquele dia a cultura, a língua e a história dos índios começaram a ser suprimidas.

Essas populações foram em parte dizimadas por guerras, massacres e doenças; parte rechaçada para o interior e para regiões de difícil acesso aos brancos; parte assimilada pelo novo povo, que era composto, no início, por portugueses e descendentes, por africanos trazidos como escravos, e mestiços.

Com o início da colonização, iniciou-se também a evangelização no Brasil. Prevaleceu nesse processo a convicção de que, em primeiro lugar, era necessário e legítimo subjugar os indígenas, com força, para evangelizá-los depois de “pacificados”.

Catequizar, na época, era inculcar os valores da cultura européia portuguesa, enquadrar os índios na sociedade portuguesa, mas num papel que não fosse o dos portugueses. O fracasso na catequese dos adultos levou aos aldeamentos e à

pregação centrada nas crianças. A catequese das crianças era mais fácil, porém gerava a desagregação familiar.

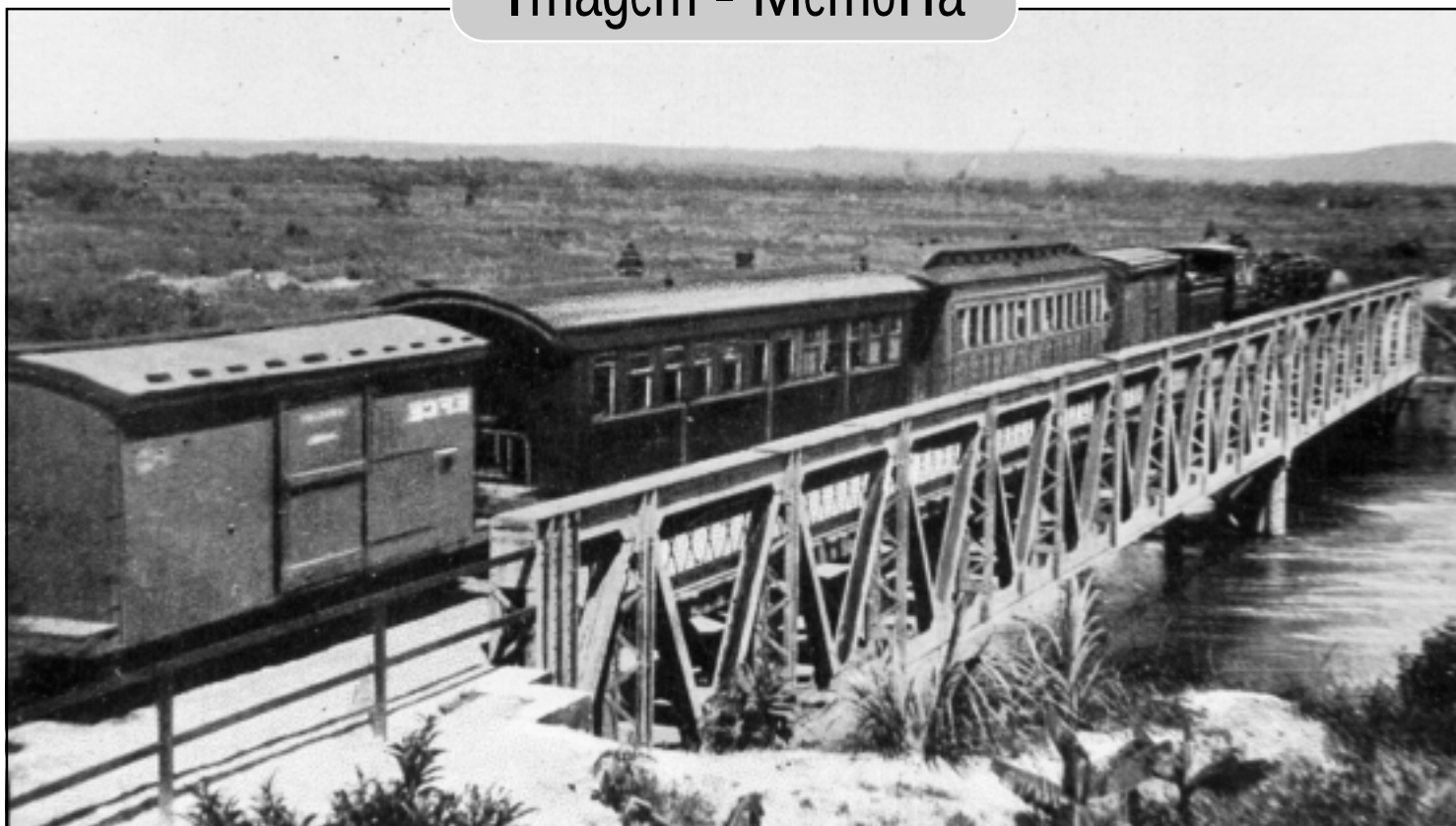
Vítimas durante séculos da cobiça e da violência dos colonizadores, só recentemente a grande dívida social para com os povos indígenas tem sido resgatada.

Tais erros do passado foram reconhecidos pela Igreja Católica, quando do 5º Centenário da Evangelização da América, em São Domingos, durante a IV Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano.

Este ano, a CNBB, muito acertadamente, propôs como tema da Campanha da Fraternidade: “Fraternidade e Povos Indígenas – Por uma terra sem males”, em que faz um convite para que reflitamos sobre a realidade dos povos indígenas, procurando combater toda forma de discriminação e marginalização contra eles. Busca-se envolver toda a sociedade na luta pela demarcação e garantia de suas terras e pela aprovação de um Estatuto para os povos indígenas, que leve em conta suas necessidades, propostas e expectativas, respeitando o modo de pensar e a sabedoria de suas culturas.

Em 1500, a população indígena era de cerca de 5 milhões. Hoje restam apenas em torno de 300 ou 500 mil índios. Que o Dia do Índio deste ano seja um momento para reflexão e tomada de postura da sociedade, para que mudanças ocorram e o lema da campanha da Fraternidade “por uma terra sem males” seja alcançada.

Imagem - Memória



Comboio proveniente de Piquete transpondo a ponte metálica sobre o rio Paraíba do Sul, em Lorena: trecho do ramal-férreo Lorena-Benfica.

Foto arquivo Pro-Memória

Euclides da Cunha e o Ramal Férreo Lorena-Benfica

Em 1895, a municipalidade de Lorena, com o apoio do governo do Estado, construiu a ponte metálica sobre o rio Paraíba e o aterrado na várzea, por onde passava a estrada de rodagem que se dirigia ao Sul de Minas, cortando a Vila do Piquete.

Essa ponte era um antiga reivindicação dos moradores da região. Tropeiros e viajantes arriscavam-se todas as vezes que atravessavam as precárias pontes de madeira, anteriormente construídas, que estavam sempre necessitando de reparos.

Em fevereiro de 1902, quando do início das obras de construção do ramal férreo Lorena-Benfica, pelo Exército, o Ministro da Guerra, Marechal Mallet, em ofício ao Presidente do Estado de São Paulo, solicitou autorização para utilizar, na construção da estrada de ferro, a ponte metálica e os respectivos aterros.

Por essa época, residia em Lorena o eminente engenheiro Euclides da Cunha, que chefiava o 2º Distrito de Obras Públicas do Estado. Ele foi incumbido pelo governo de examinar minuciosamente o pedido do Ministro, oficiando depois ao Cel. Belarmino de Mendonça, chefe da Comissão de Engenheiros encarregada da construção do ramal férreo, o resultado de seus estudos, apresentando-lhe medidas indispensáveis para a utilização da ponte e aterro. Euclides da Cunha sugeriu que se fizesse o reforço da ponte, substituindo as peças de madeira por outras em duplo T, de ferro, dando-lhe solidez e tornando-a mais resistente e capaz de sustentar cargas superiores.

Quanto ao aterro, propôs o alargamento de sua faixa, para que não perturbasse o trânsito de outras viaturas. O Cel. Belarmino sugeriu, ao invés de alargamento em toda a

extensão, que se estabelecessem rampas laterais de acesso de 100 em 100 metros. Após divergências de pontos de vista entre os dois engenheiros quanto à utilização do aterrado da estrada de rodagem, a comissão construtora concluiu que melhor seria a elevação de outro aterro, independente e próprio para via férrea, pois o paralelismo e proximidade entre as duas estradas seriam prejudiciais e perigosos porque “as viaturas de rodagem, cavaleiros e tropas ficavam sujeitos a ser despenhados aterro abaixo, devido ao espanto inato dos animais à passagem dos trens.”

Euclides da Cunha foi então incumbido de estudar e projetar esse novo aterro, como se deduz da planta por ele assinada e que é parte integrante do auto nº 1983, maço 336, dos velhos papéis da extinta Superintendência de Obras Públicas, existentes no arquivo do Estado (cf. Gama Rodrigues – Euclides da Cunha – Engenheiro).

As obras do ramal desenvolveram-se a passos largos. O 12º Batalhão de Infantaria, com efetivo de 450 homens, sob o comando do Cel. Francisco Agostinho de Melo Souza Menezes, trabalhou incessantemente. Dessa maneira, a 14 de novembro de 1902, atravessava a ponte metálica sobre o Paraíba a primeira composição, inaugurando o trecho inicial do Ramal Férreo Lorena – Benfica, até a Estação “Angelina”, na Fazenda Amarela, justa homenagem à D. Angelina Moreira Vicente de Azevedo, mãe do Barão da Bocaina, proprietária da fazenda, que graciosamente a cedeu para aquartelamento do Batalhão de Engenharia durante todo o tempo da construção do ramal.

Os trabalhos elaborados por Euclides da Cunha para o ramal-férreo – a ponte metálica e o aterro sobre a várzea do Paraíba – constam dos 136 serviços por ele realizados durante os anos de 1902 e 1903, período em que esteve à frente da Superintendência de Obras do 2º Distrito. Ele não parava. Trabalhava incessantemente, não deixando de visitar tanto as obras maiores quanto as menores. As dificuldades de acesso e de transporte eram grandes, mas não abalavam a capacidade de trabalho do engenheiro-escriptor.

Visitou Piquete por mais de uma vez, fiscalizando obras na estrada da serra e o pontilhão do Ronco. Hospedava-se no hotel do Cel. José Mariano, líder político de Piquete, que aproveitava essas visitas para pleitear melhorias para a pequena Vila.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

Ana Maria de Gouvêa

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1.000 exemplares

Impressão

Gráfica e Editora HL2 - Tel: (12) 552-8388

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE**Vera Meirelles**

Difícil quem não conheça Vera Meirelles.

Com seus passos fortes, está sempre pela cidade visitando amigos ou trabalhando por uma das entidades de que participa.

Vera nasceu em Piquete, a 07 de maio de 1934, e é filha de piquetenses: Luiz Gonzaga de Meirelles, o “Lulu” Meirelles, e Inácia Gonçalves de Meirelles. Mais velha entre quatro irmãos, passou a infância nas redondezas da “Praça do Jambeiro”, palco de inúmeras brincadeiras, ao lado de amigos como Bete Dalécio, Bororó, Sílvio Junqueira, entre outros. “... Não havia televisão... assim, usávamos da criatividade para nos divertir...”. Recordar-se, com saudades, das estórias contadas pela D. Nenê, esposa do seu Miro Violonista, com as quais a criançada se deliciava.

Iniciou os estudos no Grupo da Fábrica, onde teve como primeira professora Dona Genésia Di Domênico. Em seguida cursou o Ginásio da Fábrica Presidente Vargas: “...era uma turma ótima: Olga Eklund, Terezinha Maziero, Clélia D’Amico...”.

Formou-se professora pela Escola Normal Livre Duque de Caxias, onde passou a lecionar.

Depois, passou para o Ginásio Industrial. Lá permaneceu por vinte anos. Seu diretor, Prof. Dória, é referência: “...homem inteligente, culto...”.

Em 1950 conheceu o cabo Miguel Moreira, que veio de Catanduva para servir em Piquete. “O namoro foi facilitado pela localização do Contingente, ao lado do Ginásio em que eu lecionava”. Após namoro de dois anos, casaram-se. Dessa união nasceram 5 filhos, que lhe deram 11 netos e 1 bisneto.

Durante toda sua vida, Vera Meirelles vem participando de várias entidades. Fez parte do quadro de membros da Rede Feminina de Combate ao Câncer, da Casa da Amizade, do Serviço de Obras Sociais (SOS), da Creche Sorriso (atual Creche Municipal), da Oficina Santa Rita, da Sociedade Beneficente dos Funcionários da FPV, da Associação de Professores Aposentados de Piquete. Na Igreja, é



presença constante. Foi catequista por anos, desde a adolescência, e pertence a inúmeras confrarias e irmandades. De várias destas entidades participa desde a fundação. Sempre lutando por essas obras, promovendo rifas, angariando fundos para sua manutenção, Vera acredita ter se realizado nesses trabalhos. Salienta que, não desmerecendo nenhuma das entidades, o trabalho na Creche, da qual foi a primeira presidente, foi o mais gratificante: “as crianças são tudo...”.

Por todo esse trabalho, orgulha-se de ter recebido dois diplomas da Câmara Municipal de Piquete: o de Honra do Mérito Municipalista e do Dia Internacional da Mulher, em 2001.

Hoje, ainda na ativa, é presidente da Oficina Santa Rita e orgulha-se de anunciar o término das obras da tão sonhada sede dessa entidade que realiza significativo trabalho em nossa cidade. É a realização de um sonho. “Espero que muitos ainda se realizem. Não vou parar não”, diz, esperançosa.

Alunas do Ginásio da FPV durante excursão a Aparecida do Norte. Na primeira fila, a quarta a partir da esquerda, Vera Meirelles. Foto de 1948.

**Saneamento básico**

Celso Colombo

Brasil, um país de dimensão continental e com população superando a marca dos 170 milhões de vidas, tem pouco mais da metade de suas cidades com esgotos correndo a céu aberto. Um quadro dramático, que combina má gestão pública com o desinteresse em investir em obras enterradas, obras essas invisíveis aos olhos dos eleitores. Mas, essa visão míope e caolha de muitos de nossos dirigentes colaborou, sobremaneira, para a ressurreição de um conjunto de doenças perigosas, algumas consideradas extintas por organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Há bom tempo economistas e sanitaristas da Universidade de São Paulo (USP) desenvolveram modelos matemáticos que demonstram claramente o ganho social, a melhoria da qualidade da vida das pessoas e a consequente redução dos gastos com saúde pública frente aos investimentos em saneamento básico, notadamente água e esgotos. Os modelos desenvolvidos indicam que para cada real investido ganham-se, no mínimo, três reais na saúde pública.

Regiões pobres, áreas de mananciais e de risco e terras devolutas, ao longo dos anos, experimentaram ocupações desordenadas sem a presença de água tratada e coleta de esgotos. Assim, toda a água utilizada nessas áreas encontra o caminho de córregos e de pequenos riachos que, ao ser usada, coloca núcleos habitacionais inteiros expostos a doenças como cólera, hepatite, leptospirose e importantes infecções intestinais. É interessante lembrar que neste contexto o descarte adequado do lixo está inserido, uma vez que o lixo acumulado de forma desordenada facilita a proliferação de ratos e moscas, gerando significativos vetores transmissores de doenças.

Sem água tratada, sem esgoto coletado adequadamente e com lixo acumulado em terrenos baldios e marginais de rios e estradas -verdadeiros lixões a céu aberto-, estamos todos nós expostos a uma série de doenças. Fica claro, portanto, que nossos governantes devem, de forma contínua e sistemática, fazer investimentos em água tratada, coleta e tratamento dos esgotos domésticos e disposição correta do lixo. E todo esse processo passa por sérias decisões políticas, participação ativa da sociedade e um intenso processo de educação. Assim, nossas escolas, em todos os seus níveis de escolaridade, deveriam ter aulas de educação sanitária, com o efetivo engajamento dos agentes públicos da vigilância sanitária. Somente com essas ações conjuntas - governos e população-, reuniremos condições de afastar de nosso país doenças facilmente controláveis como o cólera e a dengue. Portanto, mãos à obra, dirigentes públicos e brasileiros desta terra abençoada por Deus.

Memorial dos Moradores de Piquete - 11

Dona Emília – 1ª parte

(...) “Será como árvore plantada à beira de um riacho que dá fruto no devido tempo; suas folhas não murcham. (Livro dos Salmos, 1 3)

“Os filhos são herança do Senhor, é graça sua o fruto do ventre”. (Livro dos Salmos, 127 parágrafo 3)

A doçura, tranquilidade e equilíbrio que emanam de Dona Emília são testemunhos de sua presença forte, como um dos mais destacáveis esteios de tradicionais famílias piquetenses.

Seus pais foram Eliseo Marques de Almeida e Adelaide de Souza Alves. Teve como irmãos Ismael e Abília. O Sr. Eliseo, pai de dona Emília, era português de Fiais-de-Telha, da região do Porto. Em Piquete exercia as funções, como ferroviário, de chefe de linha. A família residia junto ao portão da Limeira, onde nasceu dona Emília, a 15 de janeiro de 1914. Assim, conta 88 anos da vida que se manifesta nela, como força, nos olhos vivazes, na memória plena e na lucidez primorosa. Lembro-me do provérbio de Salomão que diz “Aos que promovem a paz, acompanha-os a alegria” (12,20). Não é outra a referência a ser feita à dona Emília.

Casou-se em 1º de julho de 1937, com José Marques da Silva, e enviuvou cerca de 10 anos depois. O marido faleceu a 4 de junho de 1947, o lar enriquecido de seis filhos: Abigayl Léa, Almir Eliseo, Adilson Woldman, Ediemar Byron, Edmilson Joervalner e Vladenilton José. Para a família, expansiva de 6 filhos, 10 netos e dois bisnetos Dona Emília é uma referência prazerosa: são jóias de seu tesouro.

Ao falar de sua vida, minha entrevistada lembra-se de sua feliz infância, do Grupo Escolar que freqüentava, dos colegas e dos professores exigentes, rigorosos, mas dotados de saber e empenho em ensinar, não só a língua portuguesa, mas também a francesa, e as diferentes disciplinas, assim como trabalhos manuais. Comentou os bordados e a modelagem que aprendia, para elaborar belas peças na tabatinga, obediente às formas impostas: belos cachos de uvas, por exemplo. Memorialista, leva-nos à sua sala de aula dividida em duas secções: a das meninas e a dos meninos. Comenta, com emoção e alegria juvenil, como os alunos eram instados a cantar e a memorizar peças poéticas, para declamá-las em classe. Recorda, então, a insensatez de um seu

colega que, induzido pelo professor a dizer versos, o fez na seguinte quadrinha, que ela repete sem titubear:

“Santo Antônio lá de casa,
É feito de nó de pinho.
A mulher tem força na língua
Como porco tem no focinho”.

O riso contido das crianças frente à sisudez do professor não pôde se manifestar. O mestre, agastado, solicitou a retirada do irreverente.

Mostra-me, então, sua fotografia de formatura. No grupo-retrato ela e mais três meninas, sentadas, que ladeiam a professora Dona Silverinha, moradora em Lorena, que exercia a função de secretária-inspetora em visitas semanais à escola. Em pé, de uma lado, o diretor Prof. Luiz de Castro Pinto, soberbo ao registrar-se junto ao grupo. Do outro lado, o Prof. João Cardoso, de estatura média, bem moreno, os fortes traços nordestinos, parecendo um pai a mostrar seus rebentos. Fechando o conjunto em semi-arco envolvente, os meninos, e, entre eles, José Marques, seu futuro marido, Ismael Marques de Almeida, seu irmão, João Vieira Soares, e outros tantos, que ela aponta em retorno ao feliz momento. Mostra-me, então, o *Dicionário da Língua Portuguesa de Synonymos, Poéticos e de Epítetos*, de autoria de José da Fonseca e apresentação de J.I. Roquete, das edições Aillaud Bertrand, impresso na Europa (Paris-Lisboa), que recebeu como prêmio de assiduidade, na formatura. Na página de rosto consta uma dedicatória em caligrafia elaborada: “Prêmio de assiduidade conferido à alumna Emília Marques de Almeida e oferecido pelos professores do Grupo Escolar de Piquete”. Em 30-11-1925. Conservado em sua encadernação vermelha e de bom papel, está íntegro e bem guardado pela primogênita Abigayl Léa, que nele tem fonte de inspiração e consulta.

Dona Emília, que estava com 11 anos de idade, lembra sua nota final 11,2 numa graduação de 0 a 12, e com justificado orgulho cita que a nota máxima foi

conquistada por seu irmão Ismael, que, por prêmio, recebeu uma caderneta de poupança da Caixa Econômica. Esta, ofertada pelo “chileno”, o fazendeiro proprietário da progressiva Bela Vista, iniciaria um investimento para projetos futuros. Era esse o sentido do gesto. Desse chileno, ela citou ser um grande incentivador da escola, que freqüentava as atividades do Grupo Escolar, estimulava os alunos a conhecer o Chile, seu país de origem, mostrando-lhes a bandeira nacional e ensinando-lhes o hino pátrio. Da lembrança do nome dele, que lhe perguntei, ela ficou em dúvida. Rememorou, apenas, o prenome: Antônio... Perguntei-lhe o destino dele. Disse-me que logo depois deixou Piquete, aborrecido por dissidências com vizinhos.

Passando para a fase juvenil, Dona Emília diz que se tornou catequista e, como tal, ensinava as crianças todos os domingos, na Matriz, à tarde. Era também participante da Pia União das Filhas de Maria. Lembrou-se, com carinho, das missas, das procissões com vestido e véu brancos e a fita azul, assim como do oferecimento de flores a Maria, todas as noites do mês de maio, em nossa tradicional Matriz, da qual sente saudades. A fotografia de álbum que mostra as moças da Pia União é símbolo de beleza. Na foto, as moças uniformizadas, cabelos à demi, vestidas de branco, contornam a figura central, toda de preto, inclusive o chapéu solene, de dona Maria Eufrásia. Esta, organista do coro, membro da elite piquetense, era filha do Cel. José Mariano Ribeiro da Silva, e proprietária do Hotel das Palmeiras, onde recepcionava membros da sociedade do Rio de Janeiro e de São Paulo, em “sejour” de veraneio. O francês era o idioma da elite na época, a linguagem usada nos salões. Era aplicado aos menus e às citações nas peças de teatro exibidas no Cine Glória. Reflexos da “belle époque”. Necessárias as etiquetas, o “savoir faire”.

O ribeirão Piquete recebia em suas margens alegres convivas, visitantes e locais. As águas eram limpas. Sentavam-se nas pedras dispostas ao longo da corrente. Molhavam-se os pés, fotografavam-se os grupos em convivência, a combinar novos passeios. Uma natureza quase intocada, em estado paradisíaco, convidava à vida. Os habitantes do local embeveciam-se. Piquete era uma cidade turística.

Da Pia União das Filhas de Maria dona Emília era tesoureira, compondo a diretoria com a presidente Maria de Lourdes Ferreira (a Mariquinha) e a secretária Esther Vieira Soares, hoje irmã Maria Adelaide do Precioso Sangue. Dona Emília, rememorativa, nomeia as moças.

Casando-se, foi morar numa residência no encontro das ruas Major Carlos Ribeiro e Major Pedro. Com a morte do marido, e os filhos pequenos, criou-os todos na melhor saúde, educação e entendimento. O caçula ficara apenas com alguns meses. A mais velha ajudou-a no labor, e assim, em comunhão, cresceram todos, e deles, a mãe orgulhosa, coadjuvada pela primogênita: Todos criados: Cumprida a missão!

Mas, há muito mais a ser contado.

Dóli de Castro Ferreira

Em pé, professor João Cardoso do Nascimento. Sentados, Profª Silverinha e Prof. Luiz de Castro Pinto. Dona Emília Marques é a primeira à esquerda. Foto de 1925.



Foto arquivo Pro-Memória

Futebol, Basquete, Vôlei...

Dando um giro pela cidade, contemplo o majestoso Estádio do Clube Estrela (gramado bem cultivado, torres de iluminação perfeitas, arquibancadas cobertas); o Estádio Municipal em plenas condições; bem mais modesto, o campo da Associação Atlética Piquetense; as quadras de esporte do Clube Duque de Caxias (Elefante Branco), tudo à disposição para a prática dos respectivos esportes, mas, infelizmente, ociosos no momento, salvo uma ou outra domingueira em campeonatos internos de futebol, intitulados de “boa vontade”, no estádio do Estrela.

Futebol, basquete, vôlei. Estes esportes, até época bem recente, foram praticados em nossa terra e até com muito destaque e brilho.

Na década de vinte, eu jogava no time infantil “O Piquetinho” e disputava partidas com o “Estrelinha”, no qual já despontava o garoto Luiz de Barros, futuro expoente do futebol piquetense. Do “Piquete Futebol Clube”, primeira associação esportiva em nossa terra, lembro-me dos jogadores Adriano e Alcides Vilar, Lulu Ribeiro e Inácio Paz, os quais, mais tarde, passaram a jogar no “Estrela”, e também Antônio Azzenaro Filho e Salvério Schiavelli, dois jovens italianos vindos de São Paulo e residindo temporariamente em Piquete.

O “primo rico” do futebol piquetense era o glorioso Esporte Clube Estrela, situado na área militar da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, contando com um velado bafejo oficial da Fábrica, com campo gramado e arquibancadas cobertas, cercado por um bem cuidado bambuzal.

O tempo foi passando e o Piquete Futebol Clube, por falta de apoio, acabou sendo extinto. Anos depois, já na minha juventude, eu e os manos Carlos e Luiz passamos a jogar na Associação Atlética Piquetense, clube que ajudamos a instituir e cujas partidas eram disputadas no campo do antigo clube extinto, ampliando suas dimensões, inclusive com a demolição de um enorme bloco de pedra por explosões e dinamite. (Para quem não sabe, o campo da Associação Atlética ficava onde hoje se localiza o Posto e Restaurante do Néelson, à entrada da cidade).



Time do E.C. Estrela, em 1939. Da e/d: Almeida II, Mestre Meirelles, Jeferson, Clementino, João Vieira, Orlando Siriri, Joãozinho. Agachados: Pinho, Almeida I, Meirelles, Peixe e Quido.

Abramos um parêntese. Embora jogando num clube adversário, sempre assistia às memoráveis partidas do Estrela e ficava admirado com as brilhantes jogadas dos irmãos Vilar, dos irmãos Jansen (Guilherme e Carlos Alberto), dos irmãos Lima (Artur e Mário), Sargento Traíra, Henrique Maziero, Mário Alves, Chico Marques e outros.

Numa fase mais adiante, ficava deslumbrado com as defesas clássicas do Luiz de Barros, uma “barreira” segura na área, e com os “mergulhos” do Pedro Celestino a fim de cabecear as bolas rasteiras vindas dos pés dos adversários, que lhe valeram o apelido de “Peixe”. Em imaginação, eu me via jogando ao lado de todos esses extraordinários estrelinos.

O certo é que esse meu desejo se realizou. Tempos depois, a Associação Atlética paralisou suas atividades temporariamente porque sua praça de esportes fora desapropriada para dar passagem a um trecho da Rodovia Lorena – Piquete/Itajubá (BR459).

O Esporte Clube Estrela estava no seu apogeu, sob a presidência do capitão Olegário de Oliveira Marcondes. Estádio

iluminado, novos lances de arquibancadas cobertas e um “esquadrão” de fazer inveja. O Capitão Marcondes era o chefe da Tesouraria da Fábrica Presidente Vargas, onde eu e o mano Luiz trabalhávamos. Ele fez o convite, prontamente aceito por nós, para jogarmos no Estrela. Lembro-me, ainda, de uma das formações do quadro de futebol: Pinho, Luiz de Barros e Peixe; Luiz Vieira e Quido; Jeferson, Passa-Quatro, João Vieira, Orlando Siriri e Zezinho Barbosa.

Meu desejo tornara-se realidade – o de poder jogar no Esporte Clube Estrela, o que fiz até o ano de 1940, quando assumi as funções de mestre de fabricação de explosivos na Base Dupla da Fábrica, cujo horário de trabalho não me permitia participar dos treinos de futebol. Intuição? Coincidência? Acaso? Premonição? Talvez...

Não cheguei a ser um craque, na verdadeira expressão do termo, mas, “chutando com os dois pés (um de cada vez, é claro!), oportunista e regular cabeceador, fiz muitos gols e dei alguma alegria à nossa torcida (sem falsa modéstia).

Fechemos o parêntese e continuemos a falar do futebol em Piquete. A partir daí, o Esporte Clube Estrela agigantou-se e semiprofissionalizou-se, contratando jogadores de fora e disputando jogos até com times de São Paulo e do Rio de Janeiro (Palmeiras, Corinthians, Fluminense, Madureira e outros).

Porém, tudo que é humano tem um fim cedo ou tarde, e isso aconteceu com o Esporte Clube Estrela. O Capitão Marcondes foi transferido para outra Unidade Militar. Vários diretores tentaram manter o clube no mesmo ritmo, mas o declínio físico e técnico dos jogadores (os “de fora” já tinham deixado o clube), a falta de apoio oficial e o número limitado de associados foram as causas para que o futebol estrelinho fosse, aos poucos, desaparecendo. Hoje, para tristeza nossa, só restam as torres de iluminação, as arquibancadas e o belo gramado no qual nós participávamos de brilhantes tardes esportivas. E restou também a saudade de tudo isso, naturalmente...

João Vieira Soares

Campo do Esporte Clube Estrela, na década de 20.



Crônicas Pitorescas

O coração tem razões....

Palmyro Masiero

O distinto passava por uma fase deprê, com o astral mais por baixo que minhoca. Com seus cinquenta e poucos anos, considerava-se um velho. Só sentado, televendo besteiradas, sem qualquer outro tipo de atividade. Motivação para fazer alguma coisa ficava apenas no pensamento. Foi numa lamentação a um amigo que recebeu o diagnóstico do que lhe ocorria:

– Também, o que é que queria? Nesses dois anos de aposentadoria a única coisa que você fez foi enfurnar-se num pijama e encostar o corpo! Precisa se movimentar, meu! Bota o esqueleto pra requebrar! Pratique exercícios!

– Você está com a razão... O que me falta é coragem...

– Faz o seguinte: acorde cedo, lanche e dê uma volta a pé pelo quarteirão. Faça isso por uma semana, duas, até sentir que o passeio não lhe cansa mais. Depois, amplie para dois quarteirões até ser moleza o trajeto. Devagar vá aumentando as distâncias... quando um ou mais quilômetros forem canja, comece a pular corda, inicialmente por uns minutos e, gradativamente, vá crescendo o número de pulos... Depois, passe a correr alguns metros e, na maciota, estique o percurso, sem esforço algum... Logo você vai notar que se sente como se tivesse uns trinta anos.

O conselho grudou. Vencendo a inércia, o aposentado, após tomar um vidro de resolução, deu início à volta inicial ao quarteirão. Este vencido, chegou em casa com duas batatonas duras nas pernas. Passou o dia arrastando-se pela casa. Mas não arrefeceu. Dia outro, o mesmo trajeto. E no outro, no outro... Antes de um mês fazia sua voltinha e chegava inteirinho ao lar. Aumentou para dois. Apesar disto, o cansaço já foi bem menor que da primeira

vez. Mais um mês e outro quarteirão foi acrescido à caminhada matinal. Após algum tempo, achou que já poderia ir até a cidade a pé. Voltou de ônibus, mas chegou lá. Um pouco mais de folhinhas do calendário ia e vinha ao centro andando tranquilamente.

Passo seguinte lembrado foi a corda. Comprou uma e passou a dar pulos, diariamente. Foi progredindo em número de pulos. Realmente sentia-se melhor durante o dia. Comia melhor, dormia mais tranqüilo... lembrou-se da corrida. Foi para o parque e em passos cadenciados correu certas distâncias... A cada dia uns metros a mais... E chegou a quilômetros... alguns.

Futebol de salão. No tempo de moço, enfrentou barra forte nas peladas de várzea. Comprou tênis, calção e conseguiu vaga num time de coroas. E agüentou os quarenta minutos ali... sem pedir água!

Era outro cara. Disposto até a pegar no batente e arranjar outra aposentadoria. Mas só na hipótese da disposição! O amigo falara em natação... Não deu outra: partiu para competir com algum Ricardo Prado da vida.

Sua vibração era tanta, que chegou à beira da piscina, do lado mais fundo, e “tchibum” dentro d’água. Lembrara tanto coisa dita pelo amigo que se esquecera: dentro d’água era como bigorna. Bateu, afundou. Não sabia nadar nem “cachorrinho”. Ficou logo bom. Todo o líquido tratado da piscina mais os “pipis” feitos por baixo, que engoliu, foram postos para fora da barriga.

Tempo correu e ele firme nas suas andança, pulos de corda, corridas longas, no futebolzinho de salão. Sentiu-se remojado. Como dissera o amigo, seu preparo físico era de um jovem de trinta anos. E quem poderia supor que agora, nessa flor da idade, pudesse ter uma parada cardíaca. Teve, mas em plena forma!

Pico dos Marins

Há tempo te conheço e nem sabia de todo teu encanto e majestade, de tua placidez e galhardia soberano gigante, cor de jade.

No passado, confesso, nem te via, muito ocupada com a mocidade, na cabeça mil sonhos, fantasia, projetos loucos: coisas da idade...

Mas hoje torno a ti, glorioso templo, reverenciando a tua imponência comovida, em silêncio, te contemplo.

Se não posso escalar-te, tenho fé, na tua magnânima clemência de me acolher aqui, em teu sopé.

Élbea Priscila de Souza e Silva

Acácia. Uma cruz na colina

Era menino quando plantei uma acácia. Papai trouxe as sementes não sei donde e mamãe preparou-as para o plantio. O local foi de minha escolha: no topo da colina onde costumava brincar. Porque lá a brisa cuidava de embalar minhas pipas, o olhar perdia-se num horizonte doirado, as gramíneas, mesmo pisadas pelas minhas correrias, eram viçosas, o céu parecia estar perto e os arrebóis eram mais púrpuros.

De casa, da janela da cozinha, acompanhei o crescimento. Encorpou-se junto com a minha adolescência. Crescemos juntos. Aprendi muito debaixo de sua sombra, deslumbrando o vale auriazulado e ouvindo as aves solfejar. Os estudos, assimilava-os com eficaz facilidade, talvez pela quietude e beleza do lugar. Meus desabafos e lágrimas, ela os absorvia em cada galho e folha, ou quem sabe, já até os tenha exalado em alguma fotossíntese e minhas súplicas estejam vagando por aí. Não sei. Sei que a frondosa acácia está arraigada em mim.

Ao partir para a cidade grande, não tive coragem de ir até ela. Da janela, olhei-a, admirei-a: ela estava mais verde que de costume. Sua presença enchia a colina de paz. O vento brando tocava suas folhas e meu coração disparava angustiado pela separação.

O tempo passou...

De vez em quando correspondia-me com os familiares. Estava no exterior quando do passamento de mamãe. Fora um choque. Quando pude visitar papai, foi pelo Natal. Cheguei em casa, já noite. A mesa da ceia estava posta. A tristeza era marcante em cada rosto. A falta de mamãe era inconsolável. Porém, a vida é assim mesmo: uns partem e outros ficam. Dirigi-me ansioso para a janela da cozinha. Ao abri-la, meu olhar correu apressado para o topo da colina. Fiquei pasmo, hirtos. No lugar dela, uma cruz luminosa resplandecia.

– O que é aquilo? perguntei ao meu pai.

– Senta-se aqui. Vou explicar-lhe.

– Alguns meses depois da sua partida, entre o outono e o inverno, ela começou a soltar algumas folhas – as folhas amarelavam e caíam. Imaginei ser um fenômeno natural. Não liguei. De repente, ela ficou nua, completamente esfolhada. Esperei a primavera e ela não folhou. Então chamei um especialista. Ele fez os devidos exames e não encontrou justificativa para a sua morte súbita. As raízes estavam fortes e o solo com bom teor de umidade. Para não ficar aquele esqueleto de árvore na colina resolvi fazer do seu lenho um Santo Cruzeiro. Iluminei-o para que durante a noite ele fosse visto de muito longe.

Não quis crer. Era uma árvore radiante, cheia de casulos e ninhos. Definiu estranhamente.

No dia seguinte, o sol não tinha repontado no horizonte quando fui à colina. Desta vez, não subi como dantes, cantando e saltitando. Cheguei calado ao pé da cruz e toquei-a. Sorvi o perfume dela que ainda adensava o ar. A saudade veio à luz.

Tenho-a viva na memória, pois foi sob suas folhas, algumas acompanhado meus primeiros bosquejos, que me inspirei em ser artista plástico. Vou retratá-la com amor e estesia, para depois expor a obra nas conceituadas galerias de arte das grandes capitais. Não haverá dinheiro no mundo para comprar esse quadro: “Acácia querida”.

Edival da Silva Castro

“Tal dia é o batizado”

Esta foi a senha com que o Tenente Coronel Francisco de Paulo Freire de Andrade colocaria suas tropas em prontidão a favor da revolução que havia tempos vinha sendo articulada pela elite mineira. Assim que o governador de Minas Gerais, Visconde de Barbacena, decretasse a “derrama”, a fim de receber antigas dívidas dos mineradores com a metrópole, o golpe eclodiria.

Os juristas e poetas Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa se encarregariam do governo e da legislação do novo país.

Tudo pensado. Mas há traidores: Joaquim Silvério dos Reis, Basílio de Brito Malheiro e Inácio Correia de Pamplona. Três delatores em busca de favores da Coroa.

A hesitação de alguns dos principais chefes mina o movimento. Líder nato, único capaz de manter a situação sob controle, Tiradentes encontra-se no Rio de Janeiro, em busca de apoio da província vizinha. É emboscado e preso. Outros conjurados caem, um a um. Por ordem real, está proibida toda manifestação de apoio ao condenado. Pelas ruas do Rio, conduzem o alferes, descalço, vestido num manto branco, segurando a cruz, com as mãos amarradas. No Largo da Lampadosa, o patíbulo. Ele sobe vinte e quatro degraus. Soam os tambores, mas não conseguem encobrir as vozes do povo rezando o



“Leitura da sentença de Tiradentes”, de Eduardo de Sá: Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

Credo. Neste momento, em Vila Rica, o sino dobra na igreja de Nossa Senhora dos Remédios dos Brancos, em sinal de luto. No Rio, quanto mais alto rufam os tambores, mais alto o povo reza. De repente, o baque. Está morto o herói. Termina a aventura de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, único a permanecer fiel a seus ideais até o fim. Frei Raimundo de Penaforte, o sacerdote que o confessou pouco antes de subir ao cadafalso, escreveu memória sobre “Últimos momentos dos Inconfidentes”, na qual transcreve toda a coragem e

grandeza moral do Alferes Xavier: *“Tiradentes foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a própria natureza. Entusiasta, empreendedor, com fogo de um Dom Quixote, habilidoso, com um desinteresse filosófico, afoito e destemido, sem prudência, às vezes e outras temeroso ao cair de uma folha, mas o seu coração era bem formado. Um espírito inquieto, um homem leal, esse alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha Tiradentes, herói sem medo de todo um povo.”* **AC**

Anotando

Entre as mulheres, cuja presença consegue mais destaque no século XX, e mais especialmente na segunda metade do mesmo, afloram algumas em relevâncias expostas na mídia e na indústria cultural.

Assim, Cecília Meireles de um lado, na comemoração de seu centenário de nascimento, no ano que passou, e Madre Paulina, em sua canonização, neste em que estamos. De Cecília ficou-nos o lirismo da poesia inspirada e da prosa sensível, a falar-nos dos ovos de Páscoa como simbologia de vida a representar a Ressurreição de Cristo, afirmando que se os coelhos não são capazes de botar ovos, assim também ovos de chocolate não são ovos de verdade; portanto, tomada uma coisa pela outra, a felicidade é possível para todos.

Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, nascida em 16 de dezembro de 1865, na pequena cidade de Vigolo Vataro, na Itália, batizada Amabile Lúcia Visintainer, veio para o Brasil, imigrante, com a família, em 1875. Aqui, fundou a primeira congregação religiosa do país, que foi denominada Irmãs da Imaculada Conceição. Viveu Madre Paulina em odores de santidade e assim morreu, a 9 de julho de 1942, após não poucas lutas e sofrimentos. Os milagres

passaram a ocorrer e, da beatificação, será conduzida à glória dos altares, canonizada. E assim, a 19 de maio do ano corrente, honrar-nos-emos com a primeira santa brasileira, pois embora nascida na Itália, teve obra em nosso país. Assimilou-se entre nós. Estamos, portanto, felizes.

Nossa Senhora em dores, sete delas veneradas, teve Verônica como referência, e as nossas Verônicas trazem às ruas seu canto sofrido. A melodia de Arnolfo de Azevedo, em poema de dor, é repetida ano a ano, nas vozes privilegiadas piquetenses, rebatida nas encostas arredondadas dos morros e conduzida pela brisa e ventos para os longes, em mensagem de amor transmutado em sons e imagens. Construímos nossa memória de paixão, e dormimos acalentados com a promessa das aleluias antecipadoras da Páscoa. Quando Beralda (Maria Aparecida Beraldo), como soprano dramática, se despediu do canto aprimorado, anunciou, com voz trêmula, o fim de seu ciclo anunciador da vida impregnada na face do Cristo. Na noite de Sexta-feira Santa, antecipando a chegada da procissão para seu último canto, Beralda subia sozinha a alameda João Rodrigues Ramos. Na figura envolta na névoa noturna,

simbolizava toda uma trajetória de mulheres espelhadas nas motivações sofridas neste núcleo fabril bélico, onde a garantia da promessa da vida plena refrata-se nos pequenos retornos, como busca renovada do que se consegue admitir como felicidade possível. Como anúncio de Páscoa.

Na Sexta-feira Santa de 1957, a Verônica Maria Aparecida Beraldo Castanho.



Foto arquivo Pro-Memória



Puris, desenho de Johann Moritz Rugendas, 1835.

Os Puri

Em dezembro de 1770, desejando o Capitão General de São Paulo: “*formar uma aldeia*” com os Puri, com o intuito de civilizá-los e doutriná-los na fé cristã e vesti-los com os “*panos da honestidade*”, mandou instruções ao Capitão de Ordenanças da Piedade (Lorena), para que “*fizessem nova entrada levando uma índia velha para que ela persuadissem todos os índios do seu povo que descessem e que formassem uma aldeia com um pároco.*”

Assim, foram atraídos para o convívio civilizado dos brancos numerosos indígenas designados “*administrados*”, mas que, de fato, eram servos dos conquistadores do Hepacaré. Arrancados de seu habitat, submetidos às estranhas normas de trabalhos e costumes, esses

Malhação do judas

Como sempre acontece nos domingos de Páscoa, neste 31 de março, ao meio dia, ouviram-se gritos, algazarra e foguetório por toda a cidade – era o enforcamento, queimação e malhação do judas.

Esse costume popular é herança européia, que nos chegou no período colonial e ainda hoje pode ser visto em várias cidades brasileiras. Antigamente acontecia no “Sábado de Aleluia”. Hoje ocorre no Domingo de Páscoa, com judas pendurados em árvores, postes ou forcas improvisadas. Confeccionados com roupas velhas, são recheados de papel e palha, além

No domingo de Páscoa, 31 de março, crianças expõem seus judas, no bairro da Caixa D’água.



Crianças aguardam a malhação dos judas próximo à Estação Ferroviária Rodrigues Alves.



Notas da Cidade

Reuniu-se, no dia 30 de março, o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico-Urbanístico e Paisagístico de Piquete, o COMDEPHAAPPI, criado pela Lei Ordinária 16/91 e regulamentado pelo Decreto nº 2436, de 07-03-2002. Sua diretoria ficou assim definida: Presidente: Arquiteta Ana Maria de Gouvêa, Vice-Presidente: Profª Dóli de Castro Ferreira, Secretário: Dr. Jucymar Uchôas. Os demais membros do Conselho são: Eng. José Luiz de Souza, Profª Helena Ap. Costa Alves, Maria do Carmo Ferreira, Dra. Eugênia Callil Soares e Dr. Antônio Carlos M. Chaves.

O Conselho vem se reunindo e pedidos para tombamentos já foram feitos, encaminhados para as comissões de estudo

Aconteceu no Oratório São Domingos Sávio a Encenação da Paixão de Cristo, que já está se tornando um acontecimento tradicional em nossa cidade. Foi grande a participação da comunidade no evento, encenado por competentes atores e com excelente direção.

O Oratório São Domingos Sávio de Piquete promoveu, no dia 13 de abril, o II Salenfest. O evento contou com várias apresentações musicais e foi assistido por grande quantidade de jovens de Piquete e da região, que podiam também praticar esportes radicais como escalada de paredes. Mais uma vez, a administração do Oratório está de parabéns pela iniciativa, que proporciona diversão sadia a todos.

Cerca de 40 alunos da Escola Estadual “Profa. Leonor Guimarães” estiveram em São Paulo, no dia 10-04, para assistir à peça teatral “Os Lusíadas”, com produção de Ruth Escobar. O passeio, que faz parte de um projeto da Secretaria da Educação do Estado, é destinado às escolas estaduais e vem dando oportunidades aos alunos de conhecer grandes peças teatrais.

A jornalista do jornal “Diário Catarinense”, Sônia Bastos, acompanhada do fotógrafo Kaio Black, esteve realizando reportagem sobre Tropeirismo em Piquete. Indicados pelo Museu do Troperismo de Sorocaba, ficaram impressionados com a quantidade de informação que conseguiram em nossa cidade. Testemunharam a presença dessa rica cultura que está projetando a “Cidade Paisagem” por todo o país.

Piquete estará participando, no mês de junho, em São José dos Campos, do “Revelando São Paulo” regional. Além dos tropeiros, presença indispensável a esse já tradicional evento, será mostrada ao público outra tradição de nossa cidade que encanta os visitantes: o boi de carnaval. O evento é vitrine para nossa cidade. Prestigiemos!